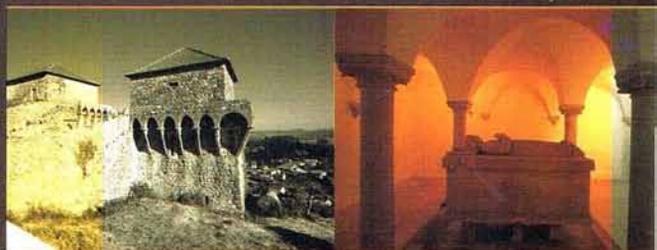


Coordenação  
Carlos Ascenso André

actas



Congresso Histórico

D. Afonso

4.º Conde de Ourém, e sua Época

## O CASTELO DE OURÉM: UMA ABORDAGEM URBANÍSTICA

Francisco Queiroz

Muitos edifícios históricos incontornáveis em Portugal são frequentemente catalogados como “já estudados”, graças à existência de diversas publicações mais ou menos aprofundadas sobre os mesmos. Contudo, ao analisarmos a bibliografia existente sobre vários destes edifícios, encontramos quase sempre importantes lacunas, por vezes notórias mesmo no que diz respeito aos monumentos mais emblemáticos da arquitectura portuguesa.

O chamado Castelo de Ourém é um exemplo concreto deste facto, sendo certo que muito está ainda por saber relativamente a este monumento notável. A sua importância tem sido bem compreendida do ponto de vista estético-tipológico e, sobretudo, do ponto de vista de inovação militar. Porém, uma abordagem ao Castelo de Ourém do ponto de vista urbanístico permite discernir mais originalidades e até relacioná-lo remotamente com outros edifícios históricos portugueses posteriores.

O Castelo de Ourém é hoje vulgarmente entendido como um conjunto formado pelo castelo propriamente dito, pelo paço do 4.º Conde de Ourém e pelos seus torreões avançados. Propomo-nos aqui abordar sobretudo o paço e os torreões, devido ao facto de terem sido obra nova do 4.º Conde de Ourém, com forte impacto urbanístico, mesmo que o 4.º Conde de Ourém tenha também procedido a uma reforma no castelo, com o qual se interligaram as duas restantes estruturas supramencionadas.

### O paço do 4.º Conde de Ourém

O paço é basicamente uma casa-torre medieval de grande área e de maior aparato bélico do que a generalidade das casas-torre dessa época, podendo ser entendido também como uma espécie de torre de menagem isenta do castelo e com forte carácter senhorial. Os merlões, desaparecidos por efeito dos restauros da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, poderiam conferir-lhe melhor essa conotação.

Os alçados sul, este e oeste do paço são rematados por balcão com matacões, do mesmo género dos existentes nos torreões. O alçado norte é algo diferente, sendo ornado com friso de interessante rendilhado em tijolo. Este alçado é, ao contrário do oposto, polvilhado de vãos rectangulares e em arco quebrado. Como é óbvio, tal alçado esteve virado outrora para um pátio, ficando mais protegido do exterior. Era o alçado que definia o espaço aberto de carácter mais intimista no paço senhorial.

Sabe-se que uma passagem coberta unia o paço a uma torre cilíndrica (de que resta a base), daí fazendo-se ligação segura à torre sudeste do castelo, castelo esse que continuaria, pois, a ter a função de último reduto.

## Os torreões

Tal como o paço, os torreões foram construídos a mando do 4.º Conde de Ourém na década de 1450 (e até 1460, data de morte do conde) segundo Rafael Moreira<sup>1</sup>. Estes torreões dispõem-se sobre a muralha da vila, sendo de diferentes alturas, com traçado poligonal e rematados com balcões munidos de mata-cães, sobre arcaria apontada em tijolo assente em mísulas de cantaria. Num dos torreões existem as armas do Conde (fig. 1).



Castelo de Ourém | 1

## Motivações do encomendador para esta obra

Um dos aspectos que nos parece evidente, e que já outros autores aventaram, prende-se com o facto do paço do 4.º Conde de Ourém e respectivos torreões não terem sido obra exclusivamente militar. O carácter bélico que é atribuído ao 4.º Conde de Ourém por duas conhecidas obras oitocentistas sobre Ourém<sup>2</sup> não pode ser levado à letra nem sequer tomado de forma exclusiva para tentar traçar o perfil do encomendador que, como se verificou no encerramento do congresso, não é fácil de retratar psicologicamente.

A imagem simbólica de poder sobre a vila foi, quanto a nós, o principal móbil do encomendador, ao servir-se de tipologias militares relativamente avançadas para a época num contexto de implantação arquitectónica em que as regras militares não foram sequer todas religiosamente seguidas. Tornasse, pois, evidente que a demonstração de poder foi feita para fora da vila e, sobretudo, para dentro de muros, mesmo que a imagem agressiva estivesse mais voltada para o exterior. Apesar de tudo, a imagem agressiva dada pelo paço e torreões era somente isso – uma imagem, tão útil como forma de afirmação pessoal.

Refira-se, primeiramente, que a opção pelo interior da cerca medieval de Ourém para a construção de um paço senhorial definitivamente evidencia como era necessária à alta nobreza uma afirmação de poder no miolo dos centros urba-

---

1 *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Direcção de Rafael Moreira. Lisboa, Alfa, 1989.

2 *Ourém. Três contributos para a sua história*. Câmara Municipal de Ourém, 1994. Veja-se sobretudo a página 74.

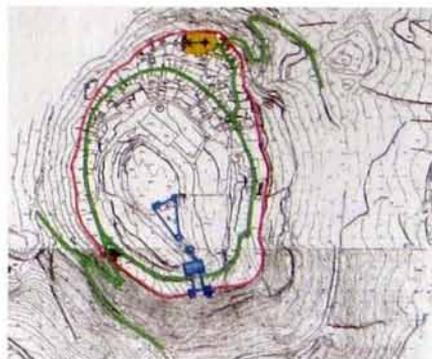
nos, tal como os reis tinham vindo a fazer em Portugal muito tempo antes, com cada vez melhores resultados.

É necessário compreender também a edificação do paço no contexto da necessidade em sediar a cabeça de um condado. Para tal, o 4º Conde de Ourém utilizou uma arquitectura que era nova na época em Portugal e que provaria aos contemporâneos o quanto D. Afonso era viajado e ilustrado. Neste paço condal, talvez a imagem de poder – junto dos seus pares – tenha passado mais através do demonstrar desta ilustração do encomendador do que através do carácter imponente do corpo arquitectónico principal e dos torreões. Ainda assim, esta imponência era necessária, até para conter quaisquer assomos de resistência ou rebelião por parte dos habitantes e também porque, nesta época, ainda era através de uma imagem imbuída de poder militar que os nobres se impunham junto do povo. Lembramos que a precoce Villa Medici em Fiesole (Florença) – que evidenciou uma nova forma de ostentar o poder por parte dos senhores das mais ilustradas cidades – foi construída apenas no início da década de 1450 por Giovanni de Medici.

Para a edificação do seu paço, D. Afonso, Conde de Ourém, tinha várias opções:

- a construção dentro do castelo preexistente;
- a própria adaptação do castelo a paço senhorial;
- a edificação do paço a uma cota inferior ao castelo preexistente (uma vez que este estava precisamente no ponto mais alto da vila), restaurando, ou não, o castelo simultaneamente.

Foi escolhida a última hipótese (fig. 2). Até hoje, nenhum trabalho que conheçamos abordou as eventuais motivações para a edificação do paço condal naquele preciso local. Repare-se que, em termos militares, não era a melhor opção. Mas, como já adiantámos, não foi uma motivação estritamente militar que esteve por detrás desta obra, nem mesmo relativamente aos torreões. De facto, estes torreões não eram grande ajuda na defesa da vila e, conseqüentemente, na defesa do paço pelo interior da vila, em caso de capitulação desta. Note-se a inexistência de outros torreões do mesmo género na cerca amuralhada e até o facto da Colegiada ter sido edificada em posição bastante vulnerável ao exterior, mesmo que o edifício por si só fosse suficientemente imponente para se auto-defender. Ainda assim, a Colegiada está demasiado perto das muralhas, dando a ideia do pouco espaço disponível no local para receber tal edifício.



Ourém | 2

Parece-nos que, apesar de algumas lutas de poder que caracterizaram a época em que viveu o 4.º Conde de Ourém, a defesa da vila de Ourém não era muito relevante para o seu projecto de paço condal. Os torreões destinaram-se então a defender apenas o paço? Mas, se fosse efectivamente pretendido um paço mais seguro, não teria sido preferível colocá-lo a uma cota mais alta? Note-se que o próprio paço assume a tipologia de uma estrutura defensiva, muito embora ainda fosse essa a forma da maior parte dos paços senhoriais da época, mesmo que já com um maior conforto interior e maior modernidade arquitectónica do que os paços congéneres de séculos anteriores.

A função dos torreões estava certamente relacionada com a existência do paço e não com a vila preexistente. Serviriam os torreões para permitir o acesso seguro do paço ao exterior da vila? Efectivamente, o preexistente castelo, o novo paço e os novos torreões formam uma unidade arquitectónica. Se uma passagem coberta unia o paço a uma torre cilíndrica e daí se fazia a ligação ao castelo, também os dois torreões ligavam-se ao paço, formando ali uma espécie de pátio exterior<sup>3</sup>.

Note-se que o paço não foi prolongado até à Porta de Santarém, ficando os torreões ladeando a dita porta. Antes foi prolongado para uma zona da muralha que lhe ficava mais perto. É claro que o paço poderia ter sido construído mais ao poente e, deste modo, seria mais fácil prolongá-lo até à cerca, precisamente junto à Porta de Santarém. Porém, se a ideia era permitir a saída segura do paço para fora da vila, ter esta saída coincidente com uma porta da vila seria contraproducente. Por outro lado, pode-se admitir que o paço e os torreões tenham sido colocados naquele local precisamente por ser uma zona da vila onde havia menos massa edificada, sendo mais fácil e barato expropriar para demolir.

O pano de muralha que une os torreões foi rasgado por uma porta em arco quebrado, porta esta que serviria precisamente para assegurar a fuga do interior da vila em caso de necessidade, até porque os torreões defendiam-na dos flancos convenientemente. Deste modo, na nossa opinião, os dois torreões foram construídos por duas grandes razões:

- Pela necessidade de criar um “postigo da traição”, que não existia, já que o castelo estava bem no centro da vila. Deste modo, pode-se também perceber melhor porque razão o paço não foi construído no próprio castelo. Tal seria desperdiçar a prévia fundação do castelo como último reduto em caso de ataque vindo do exterior. Por outro lado, tal obrigaria também à criação de um maior corredor protegido de acesso à muralha, para permitir a defesa contra ameaças vindas do interior da vila.

- Pela vontade de valorizar a própria arquitectura do paço, prolongando-o de modo a debruçar-se sobre os muros da vila, em zona que supomos tivesse

---

<sup>3</sup> *Ourém. Três contributos para a sua história*. Câmara Municipal de Ourém, 1994, p. 209.

na época menor densidade de habitações e que, por isso, seria menos onerosa para expropriar. Os torreões não eram um paço mas faziam parte do complexo residencial, apesar da sua função militar mais óbvia. Aliás, no século XIX, havia memória dos dois torreões terem sido habitados. Na altura, os torreões tinham ainda telhados<sup>4</sup>.

Contudo, esta última razão só pode ser melhor entendida se for olhada a relação entre a malha urbana preexistente, o reformado castelo, o novo paço e os seus torreões; e se forem também analisadas as possíveis influências arquitectónicas e urbanísticas para esta última construção.

Relativamente ao primeiro aspecto, é evidente que a reforma empreendida pelo 4.º Conde de Ourém destacou e divorciou da vila o complexo residencial/militar. Para ligar as três estruturas deste complexo foi mesmo necessário obliterar parte da malha urbana da vila. A rua que circundava pelo nascente o monte, desde a Porta de Santarém até à Porta de Ourém e à Colegiada, teve de levar passagem superior, de modo a fazer ligação dos torreões ao paço, tendo os vestígios de tal ligação subsistido quase intactos até ao século XX (como nos foi confirmado no próprio congresso).

Em relação ao segundo aspecto, as influências arquitectónicas para o paço e para os seus torreões têm sido apontadas sobretudo em duas direcções: influência mudéjar e influência italiana. Quanto à primeira, esta parece notar-se sobretudo no alçado norte do paço. Segundo Rafael Moreira, o carácter islâmico da obra emerge na ligação do paço ao castelo, atravessando em cotovelo um torreão circular, e, sobretudo, no rendilhado em tijolo do friso da já referida fachada norte do paço. Santos Simões atribuiu mesmo a obra a artistas do norte de África. Note-se que, no final da sua vida, o 4.º Conde de Ourém comandou uma armada ao norte de África<sup>5</sup>. Porém, não temos indícios seguros de que esta influência mudéjar no paço tenha aqui chegado por via directa. A influência italiana na reforma do castelo de Ourém e na construção do paço e seus torreões é muitíssimo mais evidente e, registe-se, também em Itália existem vários exemplos desta época com influência mudéjar, pelo que esta influência pode ter sido quase toda trazida para Ourém através de Itália. Mas de onde, em concreto?

Num texto de informação turística não assinado e disponível na Internet pode ler-se “O Paço e os dois torreões mostram uma arquitectura invulgar, de inspiração veneziana, onde a função palaciana se ajusta a uma forte estrutura militar de onde sobressai as elegantes cimalhas de tijolo saliente”. A fundamentação desta ideia de uma inspiração veneziana é, para nós, ainda insondável. Efectivamente, é difícil apontar para o paço condal de Ourém

4 *Ourém. Três contributos para a sua história*. Câmara Municipal de Ourém, 1994, p. 209.

5 *Ourém. Três contributos para a sua história*. Câmara Municipal de Ourém, 1994, p. 251.

(e seus torreões) a influência vinda de uma determinada forma de fazer castelos e paços senhoriais numa cidade italiana concreta, ainda para mais a de Veneza, cuja morfologia urbana e terreno é o oposto do que existe em Ourém. Em termos arquitectónicos, poderiam ser apontados vários castelos italianos detendo flagrantes semelhanças com o que existe em Ourém, situando-se estes nas mais diversas regiões de Itália. Assim, parece-nos que é mais prudente, para já, apontar influências urbanísticas do que influências arquitectónicas concretas.

Como é sabido, o 4.º Conde de Ourém viajou mais do que uma vez por Itália, pelo que a influência italiana no paço e nos torreões é clara, inequívoca e totalmente justificada. Desde logo, o 4.º Conde de Ourém liderou a embaixada portuguesa ao Concílio em Basileia, tendo passado por Livorno, Pisa, Lucca, Florença e Bolonha, onde esteve mais de dois meses e onde defendeu o Papa Eugénio IV com os seus homens. Passou também por Módena, Reggio Emília, Parma e Milão, tendo permanecido em Basileia mais de cinco meses (1435). Prosseguiu depois viagem para norte, até Colónia<sup>6</sup>.

Note-se que o Concílio de Basileia esteve no cerne de um cisma religioso. Foi, aliás, transferido para Ferrara, onde reabriu em 1438, presidindo o Papa Eugénio IV, amigo do 4.º Conde de Ourém. A Crónica dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho<sup>7</sup> dá a entender que o 4.º Conde de Ourém tenha estado também em Ferrara, o que não pudemos confrontar documentalmente, nem sequer nos foi confirmado por nenhum dos vários especialistas presentes no congresso, após interpelação pública nossa nesse sentido. De qualquer modo, não só julgamos possível que o 4.º Conde de Ourém alguma vez tenha estado em Ferrara, como nos parece que até poderia ter mantido algum tipo de relação de amizade com os Este, senhores da cidade. Note-se que o 4.º Conde de Ourém ficou hospedado no paço do Marquês de Ferrara quando esteve em Florença, no ano de 1435.

Saber exactamente onde esteve o 4.º Conde de Ourém aquando das suas deslocações a Itália é muito difícil de avaliar hoje. Ferrara ficava num ponto relativamente central e era uma cidade de referência para a época. Se o 4.º Conde de Ourém não esteve lá aquando do Concílio, pode ter estado depois. Em 1439, deu-se a transferência do Concílio para Florença, o qual passou para Roma em 1443, onde terminou dois anos depois. Sabe-se que o 4.º Conde de Ourém trouxe - de Roma - relíquias para a Colegiada de Ourém<sup>8</sup>. Sabe-se também que esteve em Siena no ano de 1452<sup>9</sup>. A ida à Terra Santa<sup>10</sup> e a entrega da Infanta D. Leonor

<sup>6</sup> *Diário da jornada, que fez o Conde de Ourem ao Concilio de Basilea*. In SOUSA, D. António Caetano de - *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa* [1746]. Edição revista por M. Lopes de Almeida e César Pegado. Coimbra, Atlântida, 1952, Tomo V, II parte, pp. 237-306. Para o futuro, é preferível consultar-se a nova edição, sabiamente publicada pela Câmara Municipal de Ourém aquando do congresso.

<sup>7</sup> *Ourém. Três contributos para a sua história*. Câmara Municipal de Ourém, 1994, p. 65.

<sup>8</sup> *Ourém. Três contributos para a sua história*. Câmara Municipal de Ourém, 1994, p. 93.

ao seu marido Frederico de Áustria (1451) foram certamente oportunidades para visitar os estados italianos, que eram então o centro cultural da Europa, onde se assistia já ao despontar do Renascimento.

Rafael Moreira levantou a hipótese do paço do 4.º Conde de Ourém ter sido obra riscada por autor italiano ou por autor não italiano inspirado em modelos italianos como a Rocca Sismonda de Rimini<sup>11</sup>. A Rocca Malatestiana, ou Castelo Sismondo (1437-1445), foi mandada construir por Sigismondo Malatesta, que dirigiu as obras (era também engenheiro militar), embora com o aconselhamento de Filippo Brunelleschi. Através de fotografias, não vislumbramos semelhanças flagrantes entre este castelo e o paço condal de Ourém. Existem semelhanças, mas estas são comuns a vários outros castelos italianos do século XV. Talvez se deva colocar de parte esta hipótese de Rimini.

O 4.º Conde de Ourém pretendeu certamente edificar em Ourém um paço moderno, ao estilo do que viu em Itália. Mas qual terá sido o modelo concreto de inspiração arquitectónica para o paço do 4.º Conde de Ourém e os seus torrões? Também não temos a resposta. Ainda assim, podemos adiantar uma hipótese para modelo de inspiração concreto, sobretudo em termos urbanísticos. Este eventual modelo estava precisamente em Ferrara: o Castelo Estense de S. Michele, um dos mais notáveis castelos de Itália (fig. 3).

Ferrara era uma cidade pujante à época, com forte carácter mercantil. Situa-se numa planície e, na altura, possuía uma muralha alongada em função do rio, com características tipicamente medievais. Os Este dominavam Ferrara desde 1264, embora o seu domínio estivesse em crescimento na época em que viveu o 4.º Conde de Ourém. Contudo, foram necessários alguns “braços de ferro” com os habitantes da cidade para se conseguir tal domínio.

Alinhamento da antiga muralha



Palácio dos Este

Alinhamento da antiga muralha

Ferrara: Castelo Estense | 3

9 *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Direcção de Rafael Moreira. Lisboa, Alfa, 1989.

10 *Ourém. Três contributos para a sua história*. Câmara Municipal de Ourém, 1994, p. 251.

11 *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Direcção de Rafael Moreira. Lisboa, Alfa, 1989.

O Castelo de Ferrara integra-se precisamente nesse contexto. Em finais do século XIV, o Marquês de Ferrara, Nicolò II, mandou erigir este castelo de San Michele, incumbindo da obra Bartolino da Novara (também autor do Castelo de Mântua). O motivo do castelo foi uma violenta revolta popular ocorrida em 1385, despoletada pelos elevados tributos impostos pelos Este ao povo, na qual foi morto o próprio conselheiro fiscal do Marquês de Ferrara (Tomaso da Tortona). A ideia do castelo era, pois, proteger a família Este do povo da cidade e exercer de forma mais marcante o poder dos Este através de uma arquitectura imponente. Deste modo, foi aproveitada uma torre da muralha preexistente - a Rocca dei Leoni, a qual já existia no século XIII junto à porta homónima, junto ao canal da Giovecca. A esta torre, adicionaram-se três outras torres, unidas entre si por alas muralhadas de dois andares, tudo coroado por merlões sobre "beccatelli" em tijolo maciço.

A construção do Castelo Estense de S. Michele durou de 1385 até 1387. Ficou rodeado de um fosso, com acesso por pontes levadiças. Quando o primeiro piso ficou construído, o Marquês de Ferrara mandou colocar artilharia virada para a cidade, o que causou então grande impacto e temor na população. A construção do castelo inseriu-se numa estratégia de estabelecer um último reduto para o preexistente palácio, simultaneamente ligando-o de forma segura ao exterior da cidade. É claro que, logo em 1386, Nicolò II empreendeu também a primeira "addizione" à cidade de Ferrara, começando a erguer-se uma muralha mais a norte, de modo a ali ser construído um quarteirão, projectado segundo um eixo longitudinal em que as perpendiculares faziam a união com a preexistente cidade medieval. O castelo passou a não estar na periferia em muito pouco tempo, perdendo-se essa função de ligação segura ao exterior da urbe. Ainda assim, também é verdade que este castelo nunca chegou a ser palco de conflito armado na época. Serviu sobretudo como dissuasor, mostrando a Ferrara toda a força que os Este queriam impor à cidade. Em Ourém ter-se-á passado algo de semelhante.

Até meados do século XV, o Castelo de Ferrara manteve-se como fortaleza de tropas e como prisão. A partir da década de 1450, com Borso e depois com o famoso Ercole d'Este I, o castelo passou gradualmente a residência ducal, como extensão do palácio, o qual ficava junto à praça principal de Ferrara, que era também delimitada pela catedral e pelo palácio comunal. Pode ter sido desta forma que o 4.º Conde de Ourém conheceu o Castelo de Ferrara, se o chegou realmente a conhecer. De qualquer modo, o Castelo de Ferrara foi marcante para a época e, em meados do século XV, certamente seria bem conhecido dos arquitectos italianos, facto que não se pode menosprezar, no caso da reforma do castelo de Ourém e da construção do paço e dos torreões terem sido efectivamente obra de um artista italiano, algo que é bastante plausível.

As semelhanças entre o Castelo de Ferrara e o complexo do castelo, paço e torreões do 4.º Conde de Ourém notam-se sobretudo ao nível das motivações e da relação com a malha urbana preexistente. Num caso e noutro, existiu uma

reforma, a qual ampliou uma anterior construção defensiva. Nos dois casos foram sacrificadas habitações e traçados de ruas. Ambos constituíram uma demonstração impressionante de poder, para fora e para dentro. Por outro lado, quer em Ferrara, quer em Ourém, nota-se bem a polivalência de funções – a militar e a residencial – através de várias estruturas interligadas de passadiços ou túneis. Do mesmo modo, quer em Ferrara, quer em Ourém, as estruturas foram interligadas desde a muralha até ao centro do núcleo urbano – no caso de Ourém, o centro geométrico, no caso de Ferrara, o centro cívico. Nos dois casos, a preexistência assumia a posição central e as construções novas localizaram-se sobretudo junto à muralha, aproveitando-a. Assim, quer em Ferrara, quer em Ourém, os senhores do burgo tinham sempre a possibilidade de fuga para dentro ou para fora (através do “postigo da traição” em Ourém), o que dantes não existia em nenhum dos casos. Há que não esquecer igualmente a solução italianizante para os balcões em Ourém, com recurso ao tijolo maciço e aos “beccatelli” – que também se construíram em tijolo maciço em Ferrara, sendo semelhantes aos existentes no paço do Conde de Ourém, muito embora surjam também em outros castelos quatrocentistas italianos. Note-se que o tijolo maciço era o material mais comum em Ferrara, mas não o era em Ourém.

Outro aspecto em comum entre os casos de Ourém e Ferrara prende-se com a forma como foram ligados os vários corpos arquitectónicos. Em Ferrara, o castelo foi unido por uma passagem coberta ao palácio dos Este, que ficava em frente à catedral; isto logo na época de construção do castelo. Este passadiço coberto passou depois a ser ala palaciana. A principal adaptação do castelo a palácio decorreu entre 1471 e 1505. Ercole d’Este II – Duque de Ferrara entre 1534 e 1559, mandou depois reformar o palácio acastelado. Foi nessa altura que os merlões deram lugar a balcões em mármore e adicionaram-se “loggias” nas torres, razão pela qual o Castelo de Ferrara está hoje algo diferente do que era em meados do século XV.

É claro que os argumentos que apontámos não são suficientes para se crer numa qualquer influência directa de Ferrara para Ourém. Aliás, em termos urbanísticos também podem ser encontradas algumas semelhanças entre o Castelo de Ferrara e a já referida Rocca Malatestiana de Rimini. Apesar de construído em tempo de paz, o Castelo de Rimini abriu para uma praça onde se encontravam o Palácio Comunal, a Catedral de Santa Colomba (do século XIII, da qual hoje só resta o campanário), a fonte e a antiga Via Maestra. Para a construção do castelo, os Malatesta tiveram de mandar demolir as antigas casas junto da Catedral de Santa Colomba. O Castelo de Rimini compunha-se de um núcleo central com torres, bastiões e terraços, defendidos por um alto muro, e um fosso no exterior (com entrada por ponte levadiça). Este castelo também permitia a fuga para o exterior da cidade.

## Conclusão

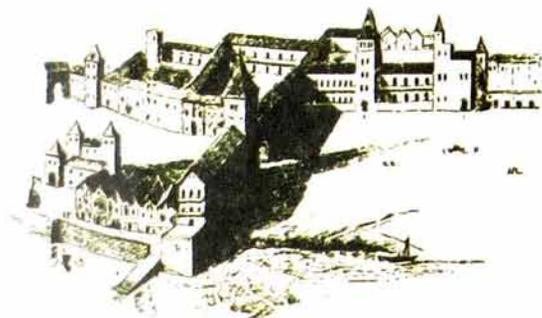
Por tudo o que foi exposto, o paço do 4.º Conde de Ourém, os seus torreões e a reforma do preexistente castelo possuem óbvia influência do modelo da “rocca” italiana, mesmo que não seja fácil apontar um modelo concreto e exclusivo. É também evidente que se trata de um complexo com inovações militares para a época, já apontadas por outros autores (torreão poligonal e lados oblíquos para melhor defesa dos flancos, os princípios do baluarte renascentista já enunciados, etc.). Por último, pensamos ter sido aqui demonstrado que existiu igualmente modernidade na intervenção urbanística – e talvez com raiz italiana, pela forma como se subordinou a malha urbana preexistente a um poder centralizador incarnado na figura do 4.º Conde de Ourém, 1.º Marquês de Valença.

Contudo, existe ainda um outro aspecto na reforma do castelo de Ourém e na construção do paço e seus torreões que torna mais clara essa modernidade em termos urbanísticos. Trata-se da ideia de constituir um mirante sobre os muros preexistentes, algo que já tinha sido experimentado de forma eloquente no Paço de D. João I em Leiria (fig. 4) – idealizado na década de 1390 e concretizado talvez por volta de 1400 (segundo Saúl A. Gomes<sup>12</sup>), e que, mais tarde, foi assumido plenamente em outras tipologias de arquitectura. Referenciemos o posterior Paço da Ribeira, em Lisboa – neste caso, não debruçado sobre um limite físico construído, mas sobre o próprio Rio Tejo (fig. 5). Se, em Lisboa, D. Manuel I colocava-se “à frente” da cidade, virado para sul e dominando o horizonte das suas possessões marítimas, o 4.º Conde de Ourém poderia ter idealizado ideia algo semelhante meio século antes, relativamente ao seu condado, cuja cabeça era precisamente Ourém.

Também em Porto de Mós, o castelo mandado erigir pelo Conde de Ourém



Paço de D. João I - Leiria | 4



Lisboa: Paços da Ribeira (vista antiga) | 5

<sup>12</sup> GOMES, Saul António – *Introdução à História do Castelo de Leiria*. Leiria, Câmara Municipal de Leiria, 1995.

possui uma “loggia” palaciana aberta para a paisagem, mas a inserção urbanística é diferente da existente em Ourém e, além do mais, este castelo é mais tardio – a sua construção terá durado entre 1452 e 1486 (segundo Rafael Moreira).

Os dois torreões em Ourém, debruçados sobre a muralha, lembram-nos as duas alas com mirantes do Convento de Nossa Senhora da Saudação de Montemor-o-Novo

(fig. 6). Estas alas são mais de um século posteriores aos torreões do paço condal de Ourém, algo que reflecte a precocidade da solução usada em Ourém, mesmo que – no caso do referido convento



Convento de Nossa Senhora da Saudação de Montemor-o-Novo | 6

– os mirantes não servissem a um qualquer poder centralizador, mas às próprias freiras, isoladas na antiga cerca despovoada. Em Montemor-o-Novo, para se construírem estas alas, foi necessário lançar passadiços sobre antigas ruas, como sucedeu em Ourém, entre os torreões e o paço. O caso de Montemor-o-Novo é claramente renascentista. Em Ourém, estamos ainda perante um assomo dessa nova forma de entender os muros medievais, quando a sua função militar propriamente dita deixa de ser suficientemente relevante, sendo-o ainda sobretudo para um nobre do género do 4.º Conde de Ourém, na época em que viveu, o que já não sucederia com as freiras dominicanas de Montemor-o-Novo, mais de um século depois.

O Paço de Estremoz (obra posterior à de Ourém) também se debruça sobre as antigas muralhas, lembrando o quanto estas já não tinham a função militar inicial, funcionando sobretudo simbolicamente.

Em suma, o paço do 4.º Conde de Ourém evidencia claros princípios pré-renascentistas, quer em termos militares, quer em termos de integração urbana, uma vez que a motivação para a sua construção deriva certamente do próprio contexto urbanístico que o 4.º Conde de Ourém bebeu em Itália. O aparato militar do seu paço tem já muito de simbólico.

Quando, em 1451, encaminhou a infanta D. Leonor junto do seu futuro marido Frederico de Áustria, D. Afonso foi feito Marquês de Valença – o primeiro desse título que houve em Portugal. Parece-nos evidente que o 4.º Conde de Ourém aspirava a ser como os grandes duques italianos, cada qual dominando uma cidade e seu território. Certamente que o 4.º Conde de Ourém e 1.º Marquês de Valença morreu frustrado por não ter podido chegar a duque, pois o seu pai era então ainda vivo. A isso faz alusão o epitáfio do seu túmulo, que parece, assim, registar essa mesma frustração.

Os Marqueses de Ferrara também passaram a duques, como sucedeu com os mais poderosos senhores italianos. O 4.º Conde de Ourém pretendia certamente

sentir-se como eles e as suas obras em Ourém são a face deste desejo. No contexto histórico português da época, era necessário demonstrar essa auto-imagem, face a outros pares que então também se pretendiam afirmar. A reforma do Castelo da Feira (1452-1486) e o paço condal em Barcelos são disso exemplo.

Embora o 4.º Conde de Ourém, 1.º Marquês de Valença, se sentisse uma espécie de duque italiano, Ourém não se comparava a nenhuma cidade italiana sede de ducado. A vila estava estagnada e não possuía sequer forte carácter comercial, sendo bastante modesta em população. O que D. Afonso, 4.º Conde de Ourém, fez na sua vila foi claramente pouco apropriado à modesta dimensão desta, facto que torna também as obras de D. Afonso mais marcantes no panorama nacional. A fonte da vila, ostentando a sua pedra de armas, foi uma primeira estratégia para conquistar a simpatia do povo, afirmando ao mesmo tempo o seu poder. A Colegiada, benesse que obteve do seu amigo o Papa Eugénio IV, serviu-lhe como a forma possível de tentar recriar uma sé catedral na sede do seu condado. D. Afonso sabia certamente que não seria possível criar uma verdadeira sede de episcopado em Ourém (e, consequentemente, a passagem da vila à categoria de cidade, como era prerrogativa dos duques italianos), precisamente porque a dimensão da vila não o comportaria. Aliás, a própria Colegiada resultou sobredimensionada para a pouca pujança económica da vila. O paço, onde o 4.º Conde de Ourém terá vivido quase até ao fim da vida, serviu-lhe como a forma possível de se sentir um duque no seu domínio, imitando o que outros duques faziam em Itália no mesmo período, quer em termos arquitectónicos, quer em termos de implantação urbanística. É por isso que defendemos ser todo o complexo castelão de Ourém – especialmente o paço e, sobretudo, os torrões – mais importante ainda do que até aqui se tem afirmado. É também por isso que cremos existir mais de simbólico do que de função prática para a obra arquitectónica que o 4.º Conde de Ourém deixou nesta vila. Tal asserção reforça ainda mais a relevância do chamado Castelo de Ourém, mesmo dentro de um contexto internacional.

### **Bibliografia não referenciada em nota**

- FORTE, Maurizio / BORRA, Davide / PESCARIN, Sofia / RONCONI, Chiara – The Estense Castle of Ferrara: multimedia project and virtual reconstruction [suporte digital].
  - <http://www.rimini.com/storia/rocca.htm>
  - <http://www.monumentos.pt> [Inventário do Património Arquitectónico: Castelo de Ourém / Paço dos Condes de Ourém]
  - RIGHINI, Giulio – Come si è formata la città di Ferrara. In “Studi Vari Deputazione provinciale ferrarese di storia patria Atti e Memorie”. Rovigo, Società Tipografica Editrice Rodigina, 1955.